
A Natureza NÃO é uma “solução”

É imperativo entender o conceito das “soluções baseadas na natureza” e chamá-lo pelo que ele é: “espoliações baseadas na natureza”, denunciando a ameaça real que ele representa para territórios, populações da floresta e o clima. Este boletim reúne reflexões sobre o que impulsiona essas perigosas espoliações promovidas por empresas.

Já vimos a introdução de conceitos que causam danos em territórios e justificam a devastação contínua de florestas e a extração violenta de qualquer coisa, de minerais a madeira. Esquemas de certificação, compensação de carbono, promessas de cadeias de suprimentos com desmatamento líquido zero, [promessas de emissão líquida zero e neutralidade de carbono](#) são apenas alguns deles. A última ideia perigosa atende pelo nome de “Soluções Baseadas na Natureza” ou “Soluções Naturais para o Clima”. Ela cria a ilusão de que a “natureza” é uma “solução” para a destruição causada pelas empresas. Quanto mais ouvimos palavras associando ideias – como “natureza” e “solução” – e quanto mais repetimos e usamos esses termos, maior a probabilidade de essa associação passe a ser aceita como algo de “bom senso”.

As “soluções baseadas na natureza”, promovidas por empresas, incluem muito do que as comunidades vêm combatendo há décadas: plantações industriais de árvores, áreas protegidas, projetos de REDD, compensações de carbono e biodiversidade, plantações para biocombustíveis, etc. Outra característica comum dessas “soluções” é permitir a continuidade de outro conjunto de atividades empresariais que, de forma semelhante, têm enfrentado resistências nos territórios: mineração, extração de petróleo e gás, grandes obras de infraestrutura, agronegócio, etc.

A ideia de que a “natureza” é uma “solução” amplia ainda mais essas destruições e espoliações. Quase todos os meses, algum grande poluidor anuncia planos para tornar suas operações “neutras em carbono”, principalmente por meio de investimentos nas chamadas “Soluções Baseadas na Natureza”.

É imperativo entender o conceito das “soluções baseadas na natureza” e chamá-lo pelo que ele é: “espoliações baseadas na natureza”, denunciando a ameaça real que ele representa para territórios, populações da floresta e o clima.

Este boletim reúne reflexões sobre o que impulsiona essas perigosas espoliações promovidas por empresas.

Um dos artigos mostra que, apesar do entusiasmo das indústrias poluentes em usar essas “~~soluções~~ espoliações baseadas na natureza” para fins de lavagem verde e busca de lucro, o conceito foi desenvolvido por grandes ONGs conservacionistas, como um mecanismo para financiar Áreas Protegidas. Com base na [ideia colonial e racista](#) de que a “natureza” está melhor sem pessoas, parte do [plano do setor de conservação](#) para transformar a “natureza” em uma “solução” para as empresas é aumentar a área de terra que esse mesmo setor controla.

Outro artigo reflete sobre o significado do termo “natureza” nesse discurso, que se baseia na

relação destrutiva que a cultura ocidental tem com a “natureza”. O artigo mostra como a ideia romântica de “natureza intocada” acompanha uma conversa entusiasmada sobre novas “soluções” – uma ideia que pode ser sustentada enquanto se mantém oculta a perda real: a destruição da “natureza” e dos meios de subsistência, que decorre de sua instrumentalização como recurso explorável.

Outro artigo nos chama a refletir sobre o conceito de “interseccionalidade”. A autora destaca a importância de compreender como várias camadas de opressão podem se aglutinar ou se cruzar em um tópico, por exemplo, no caso de uma mulher migrante, indígena e sem terra. Esquemas como as “soluções baseadas na natureza”, que instrumentalizam a “natureza” em si, conclui a autora, exigem a inclusão da “natureza” como outra “intersecção” essencial de várias opressões.

O conceito de “soluções baseadas na natureza” pode estar construindo um perigoso e perverso “imaginário coletivo” sobre aquilo que a “natureza” *deveria* fazer pelos seres humanos. Ao compreender os interesses em jogo e seus defensores, fica claro que o conceito é uma ameaça perigosa as florestas e populações florestais. Não pode haver discussão sobre “soluções” para a crise climática enquanto as verdadeiras causas dessa crise não forem identificadas e a destruição que geram, interrompida.

Três artigos neste boletim destacam como três diferentes setores poluentes estão à frente do que talvez seja mais apropriado chamar de “*espoliações* baseadas na natureza”: mineração, petróleo e agronegócio. Cada um desses artigos questiona: para quem são essas “soluções”? O que elas estão realmente solucionando? Quem está lucrando? E quem está perdendo?

Outro artigo conta algumas experiências de mulheres brasileiras impactadas pela “economia verde”, como ponto de partida para uma reflexão sobre o que hoje se chama de “Soluções Baseadas na Natureza”. Entre outras coisas, o artigo alerta para a *lavagem lilás* feita pelas grandes ONGs conservacionistas, ou seja, uma agenda de gênero que parece colocar as mulheres no centro desses projetos, mas promove modelos de relação com a natureza que, em última instância, são patriarcais e excludentes.

Outro artigo deste boletim enfatiza como a crise ecológica não tem o mesmo significado para todos. O significado dela para os homens mais ricos da Terra, na sua condição de capitalistas, é o efeito sobre os seus investimentos. Portanto, a “solução” para esse efeito (não para a crise, é claro) deve ser encontrada em algum lugar, de alguma forma. O autor explora questões como onde os ricos podem investir seu dinheiro para que os lucros continuem se acumulando em suas mãos? E como podem fazer isso em um planeta cada vez mais debilitado e que não pode ser coberto por seguros, cheio de processos judiciais por razões ambientais, potencialmente debilitantes, comunidades rebeladas em função dos impactos que sofrem, consumidores ecológicos inquietos e regulamentações problemáticas sobre o carbono? Ao explorar essas questões, ele apresenta algumas premissas.

O conceito de “soluções baseadas na natureza” é mais uma tábua de salvação para a economia capitalista destrutiva. Desta vez, essa destruição pode não apenas acabar com meios de subsistência, territórios, florestas, cursos d’água, bacias hidrográficas, pastagens e muitos outros espaços de vida na Terra; ela também pode cercar os territórios dos povos da floresta em nome da “conservação” e das terras férteis dos agricultores para estabelecer plantações industriais, em nome de “salvar o clima”.

As “*soluções espoliações* baseadas na natureza” são uma ameaça perigosa aos territórios, às

populações da floresta e ao clima.